

RESSIGNIFICANDO FORMAS NA APRENDIZAGEM: EXPERIÊNCIAS COM LUZ E SOMBRA

Laleska Viegas Cantarelli Vieira ¹

Larissa Silva de Souza ²

Lislaine Sirsi Cansi ³

RESUMO

O presente trabalho⁴ busca relatar uma experiência de aprendizagem, que foi realizada com o intuito de que os estudantes desenvolvam a habilidade de construção de formas a partir da manipulação de luzes e objetos, produzindo sombras. Essa experiência é parte integrante de uma proposta de ensino da arte, realizada por estudantes de licenciatura que compõem o Núcleo II do PIBID 2024/2026, ambientada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Cecília Meireles, na cidade de Pelotas/RS, com uma turma do sexto ano do Ensino Fundamental, composta por crianças entre 11 e 12 anos. A proposta é baseada em uma das habilidades da Base Nacional Comum Curricular (2022), aplicada aos Anos Finais do Ensino Fundamental, que visa aprofundar a percepção e análise dos elementos que constituem a linguagem visual. A atividade desenvolvida consiste em produzir sombras com o corpo e com objetos do cotidiano, e, a partir destas, traçar linhas e ressignificar as formas produzidas, ampliando o repertório visual dos estudantes e desenvolvendo a percepção dos elementos da linguagem visual, como a linha, a forma e a dimensão. A pesquisa, em andamento, possui base teórica realizada a partir dos escritos de Dondis (2003), na área de elementos da linguagem visual, com Moreira (2010) e Martins, Picosque e Guerra (2010) para os conceitos de aprendizagem significativa. Os resultados obtidos até o momento atestam que, a partir da criação de diferentes situações de aprendizagem, é viável o desenvolvimento de outras habilidades que vão além do reconhecimento dos elementos da linguagem visual, porque a criatividade dos estudantes também se beneficia e desvela a partir das possibilidades oferecidas pela manipulação das sombras e suas formas, resultando em diferentes traçados e promovendo uma experiência de aprendizagem significativa para os estudantes.

Palavras-chave: Aprendizagem Significativa, Ensino da Arte, Sombra, Forma.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca relatar uma experiência de aprendizagem, que é parte integrante de uma proposta de ensino da arte. Foi realizada por estudantes de licenciatura em Artes Visuais que compõem o Núcleo II do PIBID 2024/2026, ambientado na Escola

¹ Mestra em Educação e Tecnologia (IFSul) e graduanda do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, cantarelli.lkv@gmail.com;

² Graduanda pelo Curso de Artes Visuais licenciatura da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, larissa.silvadesouza014@gmail.com;

³ Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, lislaine.cansi@ufpel.edu.br.

⁴ Artigo resultado do PIBID com financiamento da CAPES.



Municipal de Ensino Fundamental Cecília Meireles, na cidade de Pelotas/RS. Os sujeitos da pesquisa são as turmas do sexto ano do Ensino Fundamental, compostas por crianças entre 11 e 12 anos, e o objetivo da experiência é desenvolver, nos estudantes, a habilidade de construção de formas a partir da manipulação de luzes e objetos, produzindo sombras.

A proposta é baseada em uma das habilidades da Base Nacional Comum Curricular (2022), aplicada aos Anos Finais do Ensino Fundamental, que visa aprofundar a percepção e análise dos elementos que constituem a linguagem visual (EF69AR04). O objetivo principal visa contribuir para o alfabetismo visual dos estudantes de acordo com Dondis (2003), ou seja, para o desenvolvimento da habilidade de “(...) criação e a compreensão de mensagens visuais que sejam acessíveis a todas as pessoas, e não apenas aquelas que foram especialmente treinadas, como o projetista, o artista, o artesão e o esteta (DONDIS, 2003, p. 3)”. Também ocorre um diálogo com Moreira (2010) e Martins, Picosque e Guerra (2010) com os conceitos de aprendizagem significativa e sua utilização dentro de uma sala de aula, bem como os benefícios que pode trazer aos alunos, e Pereira e Mattos (2019), que realizam alguns experimentos com luz e sombra dentro do ambiente escolar, diversificando os métodos normalmente trabalhados.

O relato de experiência presente neste artigo é relevante para os processos de ensino e aprendizagem em arte porque aplica os experimentos com formas a partir de luz e sombra, que estão presentes em outros referenciais, às vivências locais de uma turma de sexto ano de uma escola pública na cidade de Pelotas. A partir da análise das sombras dos objetos do cotidiano desses alunos, é possível que estes tracem linhas e ressignifiquem as formas obtidas a partir das sombras projetadas na parede, ampliando o repertório visual dos estudantes e desenvolvendo a percepção dos elementos da linguagem visual, como a linha, a forma e a dimensão (DONDIS, 2003).

Portanto, ao considerar que uma das habilidades esperadas de alunos dos anos finais do ensino fundamental é a de identificar os elementos básicos da linguagem visual na apreciação de produções artísticas (BNCC, 2022), torna-se imperativo o desenvolvimento de situações de aprendizagem que possibilitem a construção desse alfabetismo visual, que servirá como um ponto de partida para a aprendizagem de outros conhecimentos importantes da área das artes visuais, ou seja, para que os estudantes possam compreender e aplicar esses saberes.



METODOLOGIA

A prática pedagógica será narrada passo a passo, abordando o desenvolvimento e a evolução das experiências trabalhadas com as turmas. A atividade desenvolvida em sala de aula consistiu em produzir sombras com objetos do cotidiano dos estudantes, e, a partir destas, traçar linhas e ressignificar as formas produzidas, visando a ampliação de repertório visual e o desenvolvimento da percepção dos elementos da linguagem visual, como a linha, a forma e a dimensão (DONDIS, 2003).

O primeiro passo da experiência com luz e sombras consistiu em preparar a sala de aula para a atividade. As janelas foram isoladas com tatames de EVA e as cortinas fechadas, a fim de impedir a entrada da luz do dia. Duas mesas e uma cadeira foram colocadas no centro da sala para instalar as lanternas; a cadeira serviu como apoio, utilizando pedaços de corda para amarrá-las no encosto, e as mesas como o local para centralizar os objetos em duas estações, para que duas projeções de sombra acontecessem simultaneamente. No chão, foram colocados alguns tatames de EVA para que os alunos pudessem se sentar de costas para os objetos, a fim de que não pudessem enxergar quais eram.



Figura 1: Processo de isolamento da sala de aula com tatames de EVA.
Fonte: as autoras propositoras.





Figura 2: instalação das lanternas.
Fonte: as autoras propositoras.

Assim que a supervisora do PIBID levou os alunos para a sala, a turma foi dividida em dois grupos, um para cada projeção. A aula iniciou com uma retomada da aula anterior ministrada pela professora, que abordava as noções de ponto, linha e forma, trazendo aos alunos a proposta de observar formas através de sombras. A partir disso, a experiência a ser realizada foi explicada aos alunos, a fim de que pudessem compreender os objetivos da mesma.





Figura 3: Explicação do experimento para a turma.
Fonte: as autoras propositoras.

Para aplicar a atividade, cada grupo foi instruído para que direcionasse seu olhar para a parede onde a forma seria projetada. Enquanto os estudantes estavam de costas, as luzes foram desligadas e foram montadas composições de formas com os objetos anteriormente escolhidos: um grupo observou a sombra projetada de uma escultura com dois cubos mágicos de diferentes tamanhos, e o outro grupo observou a sombra de um bonequinho com a cabeça em formato de coração. Foi pedido que cada grupo observasse apenas a sua sombra, sem virar para trás, e que não olhassem para a forma do outro grupo. Assim que as formas foram escolhidas, as lanternas foram ligadas e a atividade foi iniciada.

A partir dessas sombras, foram propostos dois desafios aos estudantes. O primeiro desafio consistiu na adivinhação dos objetos projetados, a partir de suas sombras, e o desenho da forma que os alunos enxergavam, em uma folha dividida em duas partes. O segundo desafio envolveu o uso da imaginação destes, propondo a transformação e ressignificação das formas obtidas a partir das sombras em outras figuras, por meio do desenho na parte restante da folha. O experimento foi documentado nas imagens a seguir.



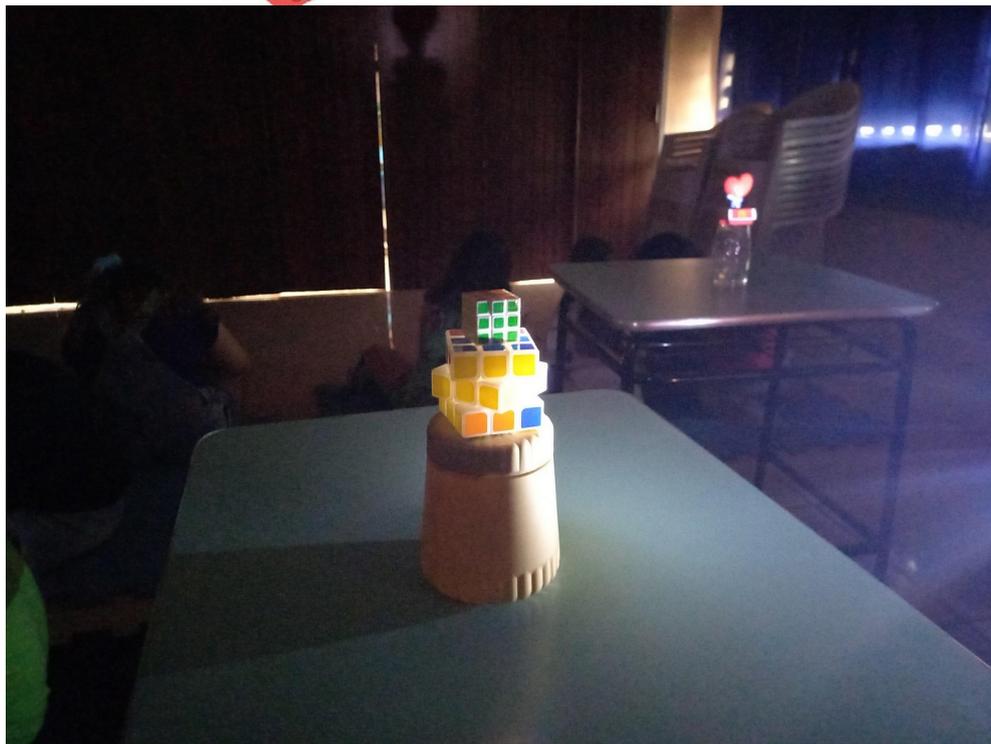


Figura 4: Realização do experimento - vista dos objetos.
Fonte: as autoras propositoras.



Figura 5: Realização do experimento - observação dos estudantes.
Fonte: as autoras propositoras.

Ao fim do tempo de vinte minutos de atividade, as formas foram cobertas, as luzes ligadas e foi solicitado, então, que a turma se direcionasse ao centro da sala, a fim de observar



as formas ocultas. Foi incentivado que os alunos anunciassem suas decisões finais sobre o que o objeto seria. Dentre as opções, tivemos um boneco de Minecraft, um cacto e um coração. Após, foi solicitado que a turma trocasse entre eles os desenhos para observarem o que cada um dos alunos dos dois grupos observaram das sombras. Nos últimos dois minutos de aula, foi então mostrado o que cada objeto era, e então foi discutido se houve acertos ou aproximação da realidade dessas formas. A duração da experiência foi de trinta minutos, por conta do horário reduzido da escola, em função da onda de calor que afeta o Rio Grande do Sul.

REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa, em andamento, possui base teórica realizada a partir dos escritos de Dondis (2003), na área de elementos da linguagem visual, com Moreira (2010) e Martins, Picosque e Guerra (2010) para os conceitos de aprendizagem significativa, e Pereira e Mattos (2019), que também realizaram experimentos com luz e sombra em sala de aula.

O exemplo de Pereira e Mattos (2019) é trazido para este artigo a fim de citar outros relatos de experiências similares realizados com a obtenção de formas a partir da manipulação de luz e sombra, visando a experimentação poética por parte dos alunos. As autoras realizam atividades diversas, como o teatro de sombras e o desenho traçado a partir da projeção de luz e sombra, similar ao realizado neste artigo. Entretanto, o contexto em que a experiência é aplicada diverge, visto que as autoras possuem como cenário de pesquisa uma escola privada no interior de São Paulo, e os sujeitos são crianças do primeiro ano do ensino fundamental, e neste artigo o cenário de pesquisa é uma escola pública no interior do Rio Grande do Sul, tendo como sujeitos da pesquisa pré-adolescentes do sexto ano do ensino fundamental.

Para Dondis (2002), compreender o conceito de alfabetismo visual é importante porque, apesar de a capacidade de ver ser natural aos seres humanos que a possuem, a compreensão daquilo que é visto só pode ser alcançada após o estudo, ou seja, quando uma pessoa desenvolve essa habilidade. É importante frisar que, segundo a autora, o alfabetismo visual é operativo em muitos níveis, desde a compreensão de uma mensagem simples, como o entendimento de uma placa no trânsito, até as formas artísticas mais complexas, como a fruição de uma obra de arte contemporânea.

A produção de novos sentidos por parte dos estudantes, a partir de formas já existentes, vem ao encontro do conceito de aprendizagem significativa, abordado por Moreira (2010) a partir do estudo e aplicação das ideias de David Ausubel (1918-2008). Segundo os



autores, é preciso que haja correlação entre os conhecimentos já adquiridos e os que estão sendo abordados atualmente para que o processo de aprendizagem ocorra de maneira significativa, ou seja, que esse conhecimento possa originar mais conexões entre saberes a fim de que não seja esquecido, e sim interligado com mais outros conhecimentos, produzindo sentidos.

[...] Lembremos que a aprendizagem significativa decorre da interação não-arbitrária e não-literal de novos conhecimentos com conhecimentos prévios (subsunçores) especificamente relevantes. Através de sucessivas interações um dado subsunçor vai, progressivamente, adquirindo novos significados, vai ficando mais rico, mais refinado, mais diferenciado, e mais capaz de servir de ancoradouro para novas aprendizagens significativas (MOREIRA, 2010, p. 6).

Para que haja uma construção de sentido na aprendizagem por parte dos estudantes, cabe aos educadores a criação de situações de aprendizagem que possam afetar aos alunos e a si mesmos, porque segundo Martins, Picosque e Guerra (2010), essa aprendizagem dá-se a partir da vivência em grupo e do mútuo interesse entre o docente, o discente e o conhecimento. Segundo as autoras, “(...) ensinar - que etimologicamente significa apontar signos - é deixar que o outro construa sentidos, isto é, viva a experiência e construa signos internos na busca de compreender conceitos processos e valores (MARTINS, PICOSQUE E GUERRA, 2010, p. 119)”. É importante frisar que, mesmo com a limitação de recursos e com algumas restrições impostas aos docentes por causa de seu contexto, quando o estudante nota o interesse do professor pelo conhecimento que está sendo compartilhado e pela criação de situações diferenciadas, experiências de aprendizagem, a atribuição de sentidos para o conteúdo trabalhado torna-se mais efetiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade com luz e sombra resultou em desenhos, realizados pelos estudantes ao mesmo tempo em que observavam a projeção da sombra na parede. Como é possível ver nas imagens a seguir, o desenho da esquerda é o traçado da forma pura obtida a partir da sombra dos cubos mágicos (ver Figura 4), e o desenho da direita trata-se de um desenho imaginativo e investigativo, que busca criar com a forma obtida ao mesmo tempo que arrisca adivinhar qual o objeto que dá origem à forma observada. Esse movimento de imaginação e investigação está presente também em Pereira e Mattos (2019), quando as autoras trabalham o desenho com sombras.



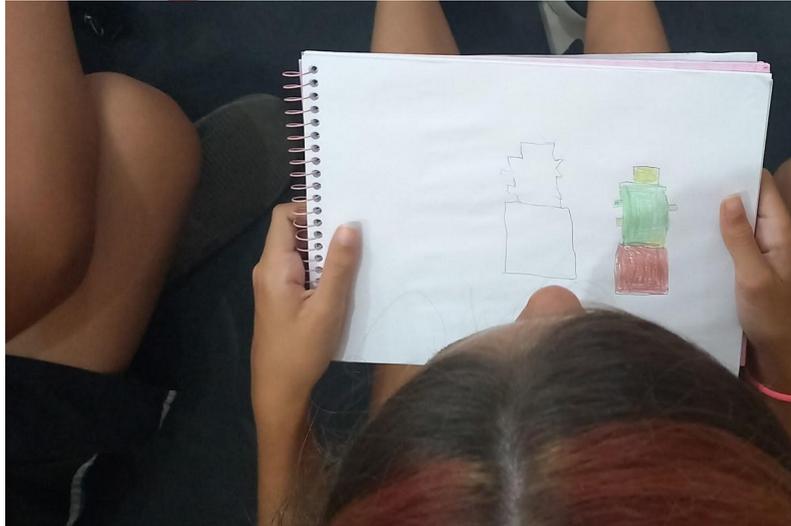


Figura 6: Resultado do experimento - desenho de cacto.
Fonte: as autoras propositoras.

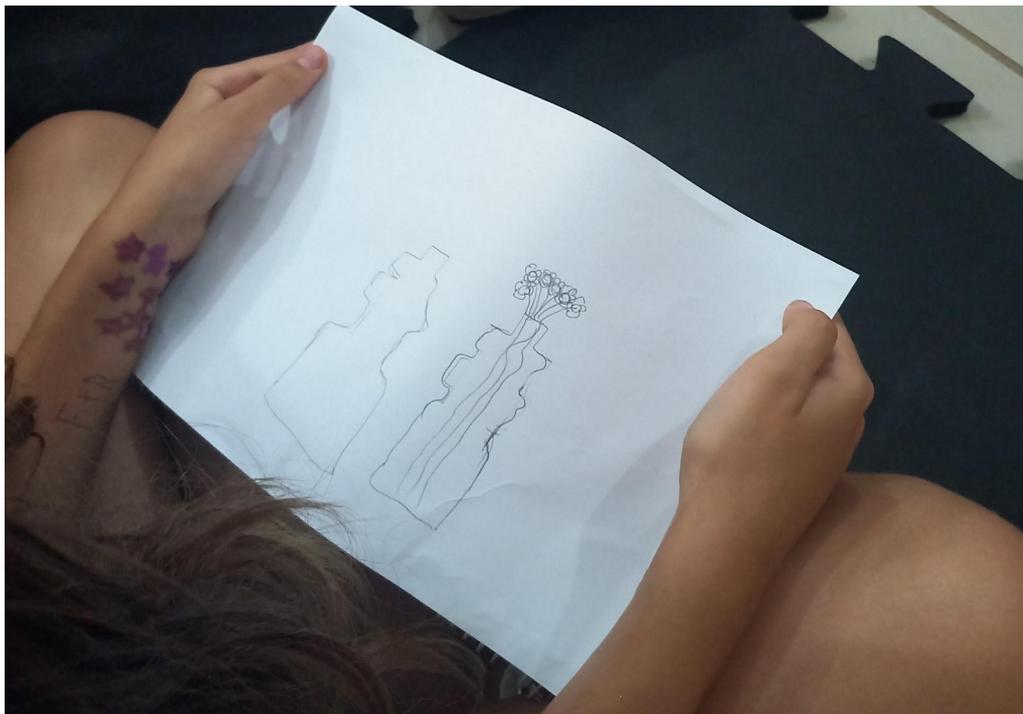


Figura 7: Resultado do experimento - desenho de vaso de flores.
Fonte: as autoras propositoras.

Ao final da aplicação do experimento, foi solicitado que os alunos compartilhassem suas impressões a respeito do experimento realizado, bem como a vista dos desenhos para a turma. Foi constatado um grande envolvimento e apreciação do exercício pelas turmas participantes, enquanto os mesmos sugeriram novas abordagens da atividade para colocar em prática. Ou seja, a partir da vivência de uma situação de aprendizagem, os estudantes



começam a construir sentidos e novas aplicações para o conhecimento, possibilitando novas situações de aprendizagem (MOREIRA, 2010).

O experimento foi repetido em outras turmas de sexto ano da mesma escola, porém com a utilização de outros tipos de iluminação e a exibição de outras formas, para avaliar diferentes tipos de abordagens analíticas utilizadas pelos alunos. As turmas afirmaram ter gostado da atividade e estarem dispostas a repetir com objetos alternativos, ou utilizando o próprio corpo para a criação de formas; assim dizendo, é possível constatar que a construção de um ambiente que é convidativo para a experimentação com os conhecimentos adquiridos, como afirma Martins, Picosque e Guerra (2010), auxilia na construção de sentidos para a aprendizagem e desenvolve a autonomia dos estudantes ao criarem novas relações e aplicações para os conhecimentos trabalhados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos até o momento atestam que, a partir da criação de diferentes situações de aprendizagem, é viável o desenvolvimento de outras habilidades que vão além do reconhecimento dos elementos da linguagem visual, porque a criatividade dos estudantes também se beneficia e desvela a partir das possibilidades oferecidas pela manipulação das sombras e suas formas, resultando em diferentes traçados e promovendo uma experiência de aprendizagem significativa para os estudantes. Foi possível observar a satisfação e a curiosidade aflorada nos alunos com o desenvolvimento da prática pedagógica através da ânsia que exibiram em continuar a atividade com objetos alternativos, pois solicitaram a repetição da atividade nos próximos dias letivos.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais para a UFPEL e à CAPES, por conceder essa oportunidade de aprendizagem e preparação para os alunos de licenciatura, pois é por meio dessa possibilidade que torna-se possível aplicar e vivenciar ocorrências que acarretarão em melhores abordagens no futuro como docentes.

Agradecimentos aos colegas Enzo Juan Xavier Karnopp e Tiago Facio Javier de Oliveira pela ajuda na montagem da sala e na observação da turma, à professora supervisora do PIBID Taís Bohlke Rutz Tavares e à E. M. E. F. Cecília Meireles, por permitir a realização da experiência com seus alunos, possibilitando uma vivência diferenciada do conteúdo a estes, e pelo



ambiente de liberdade e acolhimento encontrado dentro da sala de aula, que promove a livre expressão de professores em formação, bem como provê oportunidades para o cumprimento dos objetivos dessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

Documento Orientador Municipal: Referencial Curricular da Rede Municipal de Ensino de Pelotas – DOM. Pelotas, 2020.

DONDIS, D. A. **Sintaxe da linguagem visual**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. T. **Teoria e Prática do Ensino de arte: a língua do mundo**. 1 ed. São Paulo. FTD, 2010.

MOREIRA, M. A. **O que é afinal aprendizagem significativa?**. 2010. 27 f. Artigo (Aula Inaugural) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais. Instituto de Física, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2010. Disponível em <http://moreira.if.ufrgs.br/oqueefinal.pdf>. Acesso em 06 de março de 2025.

PEREIRA, R. C. S.; MATTOS, M. F. Ensino de arte: Um exercício sobre a luz e a sombra como experiência poética em sala de aula. **Revista de Ensino em Artes, Moda e Design**, Santa Catarina, v. 3, n. 1, p. 054-058, jun-set. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/ensinarmode/article/download/14912/10078/0>. Acesso em 08 de março de 2025.

